

COSMOPOLÍTICA E COSMOFOBIA

Diálogos entre Antonio Bispo dos Santos e Marcio Goldman

Antonio Bispo dos Santos (In memoriam)¹

Marcio Goldman²

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i1.55156>

Palavras-chave: Contra-colonialidade; Confluência; Transfluência; Cosmofobia; Cosmopolítica

A recente e triste passagem de Antonio Bispo dos Santos nos incentivou a publicar esta conversa entre ele e Marcio Goldman, por ocasião do evento “Metafísica na Rede”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Priscila Borges, Vânia Silva (moderadoras), Erick Araujo e Gabriele Cornelli, em 5 de agosto de 2020.

Antonio Bispo dos Santos é um dos líderes do Quilombo Saco-Curtume, no Piauí — onde passou grande parte de sua vida —, uma das principais lideranças quilombolas do país e um dos maiores pensadores e intelectuais do Brasil. É autor dos livros *Colonização, quilombos: modos e significados* e *A terra dá, a terra quer*; coordenador da coleção Quatro Cantos; autor de um grande número de artigos, entrevistas e intervenções, além de palestras, conferências e cursos por todo o Brasil.

Marcio Goldman é doutor em antropologia social, professor do PPGAS/Museu Nacional/UFRJ e, por muitos anos pesquisa o terreiro de candomblé Matamba Tombenci Neto, em Ilhéus, Bahia. É autor, entre outros, dos livros *Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política* e *Do outro lado do tempo. Ensaios sobre as religiões de matriz africana*.

Neste encontro, Antonio Bispo dos Santos e Marcio Goldman debatem duas noções centrais para a compreensão da ecologia política contemporânea.

O termo *Cosmopolítica* foi cunhado pela filósofa Isabelle Stengers como uma “proposição” relacionada à necessidade de reduzirmos a velocidade com a qual pretendemos encontrar possíveis soluções para os problemas da vida e do pensamento

¹ Quilombo Saco-Curtume, São João do Piauí, Brasil. E-mail: rocadequilombo@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: marcio.goldman@gmail.com

em geral. Diminuição de velocidade que permite, a um só tempo, analisar os caminhos traçados para uma solução e verificar o que é excluído por essas soluções mesmo e tido como ruído ou como irrelevante. Diminuição de velocidade que poderia possibilitar, portanto, um encontro de heterogêneos sem assimilação ou destruição mútua.

Se o conceito apareceu no campo da filosofia da ciência, logo passou a ser usado em outras áreas, como a antropologia, onde, evidentemente, adquiriu alguns contornos novos. Pois não se trata apenas do que é excluído do processo de constituição do conhecimento científico válido, mas da existência de perspectivas heterogêneas acerca da relação entre o conhecido e o desconhecido, a harmonia e o caos, o “natural” e o “sobrenatural”. Perspectivas que dão consistência a modos de vida heterogêneos que podem não apenas coexistir, mas confluir, cruzar, tangenciar e, por vezes, colidir.

O segundo termo, *Cosmofobia*, foi criado por Antonio Bispo dos Santos para denominar uma certa perspectiva acerca dessas relações entre o conhecido e o desconhecido, perspectiva pautada pela fobia ou terror ao cosmo, que caracterizaria o mundo chamado moderno. Com este termo, Antonio Bispo dos Santos busca, a um só tempo, apontar para o terror como motor interno do funcionamento de um certo modo de vida — por medo ou desconsideração de uma força superior age-se de determinada forma —, assim como o terror que este modo de vida experimenta em relação a outras perspectivas e modos de vida. O que Antonio Bispo dos Santos destaca é o fato de que esse terror, interno e externo, impulsiona a ação de dominação e extermínio de modos de vida heterogêneos, ação que ele denomina colonização e em relação à qual propõe um contracolonialismo ininterrupto.

Como se trata de uma conversa, decidimos manter o estilo oral do encontro, efetuando apenas algumas alterações visando compensar as perdas que a escrita inevitavelmente introduz em uma conversa dessa natureza.

Antonio Bispo dos Santos

Viva Viva Viva! Porque todas as vidas importam. Quero começar dizendo a grande alegria que é compartilhar esse diálogo com Marcio Goldman. Marcio é uma pessoa que fez uma das mais belas críticas a um livro que nós escrevemos relatando os saberes de nossa geração avó, os nossos saberes ancestrais, ou seja, traduzindo os saberes ancestrais da oralidade para a escrita.

Nesse livro nós trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. Eu fui adestrador de bois a partir dos meus dez anos, e aprendi adestrando bois que adestrar e colonizar são a mesma coisa. O adestrador e o colonizador começam por desterritorializar o ser atacado, por quebrar sua identidade colocando-lhe um outro nome, tirando-o da sua cosmologia ou dos seus sagrados e impondo novos hábitos, novos modos. Esse processo de denominação é uma tentativa de apagar uma memória e compor outra. Pois bem, eu, por dominar essa técnica, percebi que para enfrentar a sociedade colonialista nós precisamos transformar as suas armas em nossa defesa, como dizia um grande mestre de defesas, Tio Toinho Máximo, irmão da minha mãe. Então, para transformar a arte de denominar em nossas defesas, nós resolvemos denominar também.

Primeiro, nós começamos compreendendo que a sociedade é feita por posseiros, por quem tem posse; e as comunidades são feitas por pessoas. A partir daí nós fomos colocar também nos modos e nas falas para contrariar o colonialismo. Então para o desenvolvimento sustentável nós trouxemos a biointeração, para a coincidência nós trouxemos a confluência, para o saber científico versus o saber empírico, nós trouxemos o saber orgânico versus o saber sintético. Para os transportes nós trouxemos as transfluências. E aí foi onde o Marcio fez uma bela crítica, porque quando nós escrevemos sobre as transfluências, nós deixamos transparecer que a transfluência era uma coisa apenas da sociedade colonialista. Depois que o Marcio fez essa crítica, eu fui relendo e hoje na oralidade nós reeditamos essa fala. Não está reeditada, mas está reeditada na fala, e hoje a transfluência é um contraponto para os transportes. Porque a transfluência é onde a gente vai com cosmologia, e no transporte os colonialistas vão sós.

Mas, para chegar ao tema da cosmopolítica e cosmofobia. Bom, cosmofobia nós compreendemos como o terror gerado na Bíblia, lá em Gênesis. Nós compreendemos que em Gênesis quando o Deus da Bíblia diz que Adão e Eva, por terem desobedecido a Deus, por terem pecado, vão ter a terra amaldiçoada e vão ser proibidos de comer tudo que a terra oferece, porque as ervas serão daninhas e eles terão que comer com a fadiga do suor do próprio rosto e as suas relações posteriores também serão malditas. Então, nesse momento, o Deus da Bíblia criou o trabalho e o trabalho como castigo; ele condenou Adão e Eva porque Adão e Eva comeram o fruto do saber, e então aquele saber orgânico Adão não poderia acessar, Adão tinha que ir para o saber sintético. Aí nasceu a ciência da sociedade colonialista, aí nasceu a desterritorialização de um povo,

porque ninguém quer viver em uma terra que é maldita. Então, se a terra é amaldiçoada, Adão e Eva não vão querer viver ali. E ali surgiu a cosmofobia, ou seja, o terror, o medo do sagrado, o medo do cosmo. E surgiu também a cosmopolítica, ou seja, uma política que vem a partir de uma visão de mundo e uma cosmologia politeísta.

Daí nós traduzimos tudo isso a partir do saber transmitido pela oralidade da minha geração avó, dos mais velhos. Nós jogamos para o debate essas questões, a partir de 2015, na academia. Só repetindo: biointeração versus desenvolvimento sustentável, para contrariar. Confluência para contrariar as coincidências, saber orgânico para contrariar o saber sintético, e contracolonização para contrariar a colonização. Então é a partir daí que eu quero iniciar esse diálogo com Marcio Goldman e com as demais pessoas que queiram compartilhar essa conversa.

Marcio Goldman

Boa tarde para todo mundo, queria primeiro agradecer ao convite, em especial a Priscila, Vânia, Erick. E agradecer, claro, a Antonio Bispo por mais essa oportunidade de estar aqui *junto* com ele. É a primeira vez que participo de uma *live*, e felizmente essa primeira vez é com o Antonio Bispo, o que não é pouca coisa... Quando Erick propôs o título dessa conversa, “Cosmopolítica e Cosmofobia”, eu me coloquei na posição de ser a pessoa que ia falar um pouco da cosmopolítica, uma vez que o criador dessa noção incrível de cosmofobia, que é o Antonio Bispo, está aqui. Ele falou um pouquinho dela e tem muito mais coisa para dizer.

Em relação à noção de cosmopolítica, que está sendo muito usada hoje em dia, pode-se dizer que foi criada pela filósofa Isabelle Stengers e que o temos tem sentidos bem variáveis. Eu queria me ater a um sentido específico que essa palavra tem porque acho que esse sentido vai permitir uma conexão com o que Antonio Bispo está dizendo. Porque acho que a noção de cosmofobia de Antonio Bispo me ajudou a ler a noção de cosmopolítica tal qual proposta por uma filósofa. Eu sou antropólogo, minha profissão é ficar um pouco entre esse saber que Antonio Bispo chama de sintético e o saber que ele chama de orgânico. Sou obrigado a me equilibrar na corda bamba entre esses dois tipos de saberes. Eu acho que essa justaposição, essa contraposição, entre essas duas noções é um caso interessante a respeito disso.

Então, primeiro eu acho que todo mundo mais ou menos sabe, que a noção de cosmopolítica tem circulado principalmente na antropologia e na filosofia. Na antropologia, ela tem circulado com dois sentidos ligeiramente diferentes. Ora com um sentido que a gente poderia chamar de substantivo: a cosmopolítica de alguém. Neste caso, se fala da cosmopolítica das religiões de matriz africana, cosmopolítica quilombola, cosmopolítica ameríndia. Os antropólogos tendem a usar essa noção desse jeito. Por outro lado, acho que o sentido proposto por Stengers — em 1997, em uma série de sete livros chamados justamente *Cosmopolíticas* — é uma noção que eu tenderia a chamar de “negativa”. Não, claro, no mau sentido da palavra, mas no sentido que ela é restritiva. Quer dizer, cosmopolítica indica, sobretudo, os cuidados que a gente deve ter ao se relacionar com pensamentos e práticas diferentes dos nossos. Sendo muito direto e abrupto, e um pouco grosseiro, a gente poderia dizer que na leitura que faço da noção, cosmopolítica visa sobretudo restringir e de algum modo complicar essa separação que o ocidente inventou entre a polis e o cosmo. Separação que faz com que o ocidente se condene a oscilar entre uma espécie de cosmo sem política e de uma política sem cosmo. Ou seja, entre um universo, o da política, que seria aquele exclusivo dos assuntos humanos, e um outro universo, o do cosmo, que é tudo aquilo que foi expulso da polis e que, portanto, não participa da política. Sabemos que quando os gregos inventaram essa separação, excluíram mulheres, escravos, crianças. Mas excluíram também a natureza, as divindades, os espíritos etc. Stengers diz que a noção de cosmopolítica não deve ser entendida como um novo universal, ou seja, não se deve procurar cosmopolítica em todas as partes; ela designaria, mais — para usar uma expressão da autora de que gosto muito —, “a insistência do cosmo na política”. É por isso que na obra dela, a palavra cosmopolítica praticamente só aparece como um adjetivo. Ela fala em “proposição cosmopolítica”, “espaço cosmopolítico”, “encontros cosmopolíticos”, mas não aparece a cosmopolítica disso e daquilo, cosmopolítica desse ou daquele povo. O ponto central aqui é que imagino que a noção tem uma função que a gente poderia chamar de terapêutica ou curativa — e Stengers sugere isso em algum lugar. Ou seja, ela propõe essa noção como uma tentativa de nos curar, se não da separação mesma entre polis e cosmo, pelo menos das consequências mais negativas e mais violentas que essa separação acarretou. Nesse sentido, o conceito de cosmofobia, proposto por Antonio Bispo, nomeia essa doença da qual Stengers está falando.

Cruzando os dois pensamentos, eu tenderia a dizer que a noção de cosmopolítica é proposta por Stengers *para nós*, ou seja, e para falar como ela, para os “herdeiros”

dessa separação entre polis e cosmo. No entanto, a grande maioria da humanidade não tem nada a ver com isso, e o grande problema é que a fração da humanidade que herdou a separação é aquela que conquistou e colonizou — como Antonio Bispo gosta de dizer — a outra, com todas as terríveis consequências que conhecemos. Então, eu interpretaria essa noção de cosmopolítica, no sentido propriamente stengeriano do termo, como uma proposta ou uma tentativa de *retomar* — *reclaim*, para usar outra expressão da autora — aquilo que a doença da separação provocou em nós. E a doença que essa separação provocou em nós é essa doença que Antonio Bispo denominou com uma palavra que considero de uma precisão absoluta, cosmofobia. O problema, portanto, poderia ser colocado nos seguintes termos: como criar um espaço cosmopolítico no qual aqueles que herdaram essa separação e aqueles que não têm a ver com ela podem eventualmente se encontrar, mas sem necessidade de abrir mão do que é essencial para cada um deles? Essa é uma outra expressão que Stengers usa, o que significa um espaço cosmopolítico ou um encontro cosmopolítico. Creio que a gente tem visto nos últimos anos — e Antonio Bispo é um agente fundamental desse processo — uma sucessão de encontros, parecidos com este que estamos tendo, muito importantes, como os encontros de saberes, as políticas de ações afirmativas nas universidades..., que favoreceram, de algum modo, a criação desses espaços. O vocabulário da Stengers tem uma dimensão ecológica, a questão é como favorecer um meio, cultivar um meio, em que esse tipo de encontro se torne possível. Enquanto nós em geral estamos acostumados a cultivar e favorecer meios destrutivos para pelo menos uma das partes que neles entram.

Em suma o que eu gostaria fundamentalmente de dizer é que talvez para nós, herdeiros inconstantes dessa grande separação inventada pelos gregos, a noção de cosmopolítica é uma tentativa de curar essa doença que a separação provocou em nós. Não é uma doença necessária, é uma doença que aconteceu historicamente e com a qual temos que lidar. Essa doença, repito, é a que Antonio Bispo batizou, com absoluta perfeição, é a cosmofobia. E antes de devolver a palavra a ele, eu só queria repetir — porque eu já disse isso a ele mais de uma vez — que a nossa conversa sobre confluência e transfluência não é uma “crítica” ao trabalho dele, no mau sentido da palavra. Na verdade, li o que ele escreveu, pensei umas coisas, conversei com ele, ele achou que fazia sentido e levou adiante a noção de transfluência. Acho até que o que estou tentando praticar aqui é uma espécie — e peço ao Antonio Bispo para me corrigir se estiver errado — de transfluência entre essa noção inventada por uma filósofa belga e a

noção de cosmofobia inventada por um pensador quilombola. Antonio Bispo demonstrou que esse tipo de encontro é possível, que ele pode favorecer as duas partes de maneiras diferentes, e que não é preciso que as duas partes anulem as suas diferenças para que isso possa acontecer.

Antonio Bispo dos Santos

Então, nós escrevemos no início de nosso livro, que na verdade não é um livro, digamos que é uma relatoria de saberes, eu acho mais interessante assim. Nessa relatoria nós começamos dizendo que a vida é começo, meio e começo. A vida não tem fim. Porque se o mundo é redondo, é exatamente circular, tudo que acontece nesse mundo e na roda não tem fim, a roda é começo, meio e começo. Em qualquer lugar da roda é começo, em qualquer lugar da roda é meio. Também nós escrevemos dizendo que as vias determinam os meios, mas os meios também determinam as vias, dependendo da demanda. De novo nós voltamos para o meio, começo e começo. Bom, nós temos um começo para cada povo. O povo que eu chamo de eurocristão-colonialista tem seu começo a partir de Cristo. Por isso eu citei Gênesis, por isso eu citei a Bíblia.

Mas para falar mais de cosmofobia, na prática foi a minha geração avó que me ensinou o que é cosmofobia. Ou seja, mãe Joana e vários outros mestres e mestras, me ensinaram nas pescarias: quando eu queria pescar mais peixe do que o suficiente, eles diziam “pare de pescar porque você já tem os peixes para comer até a próxima pescaria, e o melhor lugar de guardar o peixe é no rio, porque no rio ele continua crescendo e se reproduzindo”. Por acreditar nas águas, por acreditar na minha geração avó, e por acreditar nos próprios peixes, eu parava de pescar. A sociedade eurocristã não faz isso. A sociedade eurocristã não confia que o rio guarda os peixes, elas querem guardar os peixes nos congeladores. Nos lugares que eles fizeram porque para eles só serve aquilo que vem do trabalho castigo. A sociedade eurocristã não confia que árvores sempre vão dar frutos, até porque eles atacam as árvores, então eles querem guardar também os frutos congelados. Eles querem os frutos secos, eles estão sempre acumulando. É isso que é belo, nosso povo não é o povo da acumulação. Por que não é? Porque nosso povo não tem a terra como maldita, tem a terra como sagrada. As águas, as matas, tudo, são

divindades para nós. Então nós acreditamos em nossas divindades. As nossas divindades nunca nos ameaçaram, então nós não sofremos da cosmofobia.

Um dos efeitos mais fatais da cosmofobia é essa loucura pelo dinheiro. As pessoas ficam guardando o dinheiro a vida inteira porque dizem “se vier uma crise eu estou prevenido, se vier uma doença eu estou prevenido”. É isso que dizem os eurocristãos, que sofrem da cosmofobia. Mas agora, eu gostaria de chamar atenção dessas pessoas para refletirem um pouco mais: veio a pandemia, veio o coronavírus, e cadê o dinheiro? Cadê os acúmulos? Está morrendo gente que não tem acúmulo, mas está morrendo gente que acumulou muito. E tem os que acumularam e estão perdendo o que acumularam, e cadê? Nós, eu, por exemplo, estou muito bem porque eu confio na minha roça. A minha roça é sagrada, a minha roça não me castiga. Todo dia eu estou na minha roça e ela vai me dando e vai nos dando. Nós quilombolas, nós indígenas, as nossas roças estão nos atendendo. Alguns de nós podemos mudar de vida nessa pandemia, alguns de nós podemos passar para a ancestralidade, mas nós não vamos sair com menos condições, ao contrário, nós vamos sair com muito mais condição. Porque as nossas roças, as nossas matas estão cuidando de nós como nós sempre cuidamos delas.

Então, para aprofundar sobre a cosmofobia é isso. É dizer que nós quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco..., nós, povos de cosmologias politeístas, nós dos deuses e das deusas amigos e amigas, nós estamos muito bem do ponto de vista de condições. E se porventura nós tivermos que passar para a ancestralidade nós também não vamos sofrer porque nós vivemos também na ancestralidade. Não é começo, meio e começo? Eu estou pronto para passar para a ancestralidade sem dor, sem sofrimento, porque eu acredito que o que eu estou fazendo está em compartilhamento com o cosmo. É isso.

Marcio Goldman

Quando eu estava preparando aqui as coisas para falar, fui reler os textos em que Antonio Bispo fala sobre a noção de cosmofobia, e vou pedir licença ao autor para citar três trechos que eu acho que são fabulosos. Primeiro: “observando essa situação podemos dizer que a sociedade do colonizador é construída através de um saber sintético fragmentado. Segmentado e doente. Os colonialistas têm uma doença chamada

cosmofobia que é o medo do cosmo”. Outro trecho: “o Deus da Bíblia além de desterritorializar o seu povo também os aterrorizou de tal forma que não será nenhum exagero dizer que nesse momento ele inventou o terror psicológico que vamos chamar de cosmofobia”. Finalmente, um trecho que acho muito importante para nós: “os eurocristãos não esperavam que fizéssemos uma aliança com os indígenas, coisa que os colonialistas não fizeram. E eles não fizeram por ter essa doença que chamamos de cosmofobia”. Ou seja, a cosmofobia é uma doença porque é o oposto do famoso dito africano “não estamos sós no mundo”. A cosmofobia é a doença que dá a ideia de que se está só no mundo e que, portanto, não se pode fazer alianças — com os povos indígenas ou com outras divindades, por exemplo. Não se pode fazer nada disso porque se está só e se continua só.

Eu acho que a ideia de cosmopolítica tem uma relação com esse terror do cosmo, mas tem também uma implicação muito grande na relação do que nós chamaríamos de relações políticas, que em outros lugares não precisam ser chamadas assim. E ouvindo Antonio Bispo falar agora, fiquei pensando na nossa velha conversa, que felizmente nunca acaba, sobre a confluência e a transfluência, e que talvez fosse interessante nela introduzir a palavra *afluência*. Talvez o que devesse caracterizar a sociedade colonialista é a ideia de uma afluência. Afluência no duplo sentido, de enriquecimento, mas também a-fluência, o que faz parar de fluir. Porque o interessante da confluência e da transfluência é o fato de que o fluxo continua, que as coisas estão fluindo. Elas estão fluindo e se juntando por cima ou por baixo, como Antonio Bispo gosta de dizer. Mas a sociedade colonialista, cosmofóbica, tem esse sonho que é interromper o fluxo: em algum lugar você tem que acumular os peixes, você não deixa mais os peixes se reproduzirem. Algo para, não sei, pensarmos junto com as noções de confluência e transfluência. Talvez haja algo aí realmente próprio dessa sociedade, desse pensamento colonialista, a ideia de uma afluência.

Antonio Bispo dos Santos

Primeiro Marcio, é dizer que o que eu chamo de crítica é isso. É essa sua fala. Porque tem uma doideira aí, desse pessoal cosmofóbico que diz assim, “crítica construtiva e crítica destrutiva”. Ora, meu querido. Crítica é crítica, ponto. Crítica é um ponto de vista sobre o que você compreendeu. Agora, se não for um ponto de vista, aí

não é crítica é xingamento. Se você disser assim, “o Nego Bispo é um alcóolatra”, isso não é um xingamento, isso é uma observação. Mas se você disser “o Nego Bispo só fala isso porque ele é um alcóolatra”, aí é difamação, não é crítica. Mas se você disser “o Nego Bispo assim e assado, e eu compreendo isso sobre o que ele falou”, independentemente de eu estar vendo ou não, aí é uma crítica. E eu sou grato demais às críticas. Porque são as críticas que observam nossas contradições e eu sou uma pessoa altamente contraditória, o que eu tento não ser é incoerente.

Bom, da transfluência e da confluência. O que eu tenho conseguido e tem uma outra pessoa que fez uma crítica, sem saber da sua crítica, fez a mesma crítica, e foi maravilhoso, que é o Phelipe Cunha. Deve estar conosco nesse momento, inclusive Phelipe Cunha faz parte de uma equipe com Fernanda [Alencar Pereira] da UNB. A Fernanda é professora de tradução e Phelipe Cunha está na filosofia. Tem outras pessoas, o Luís [Augusto Ferreira Saraiva], não vou lembrar o nome de todo mundo, mas enfim, uma equipe. Eles estão traduzindo nosso livro para o inglês, para o francês e para o espanhol ao mesmo tempo. E são os alunos de tradução da UNB que estão traduzindo. Eu estou muito feliz, é uma coisa fantástica. E o Felipe fez essa mesma observação sobre a transfluência. Quando eu pensei sobre a transfluência, eu estava pensando sobre essa história da transnacionalidade, essa história da globalização. Eu estava pensando nisso. Por isso eu aproximei muito a transfluência dos colonialistas. Depois eu fui percebendo que os colonialistas não transfluem, eles transportam. Eles precisam sempre de um meio físico para fazer esse movimento porque eles não podem fazer esse movimento dentro do meio cosmológico porque eles têm medo do cosmo. Eles não podem transfluir, eu me equivoquei nesse texto, eles podem transportar. Eles transportam ideias, transportam livros, transportam tudo.

Como eu cheguei na transfluência? Conversando com uma indígena, ela me disse: “olha Nego Bispo, eu gostaria de saber mais sobre os quilombos, mas como eu vou saber se eu não dou conta de saber nem sobre os indígenas?”. Eu disse: “caramba, eu também gostaria de saber mais sobre os indígenas, mas como é que eu vou saber, se eu não dou conta de saber nem sobre os quilombos?”. E ela me perguntou, “como é que nós vamos resolver isso?”. Aí eu disse: “caramba! Pela transfluência”. Aí ela disse: “como assim Nego Bispo?”. “Olha, como é que as águas doces do rio São Francisco, se juntam com as águas doces do rio Nilo, se tem um oceano no meio?”. Nessa hora estava chovendo, foi fantástico. Ela disse “não sei, como é?”, e eu olhei assim e disse: “pela chuva, pelo rio do céu, pelo cosmo”. A mãe Joana me apresentava um rio no céu. Uma

vez fazia um barulho muito grande no céu, eu perguntava “mãe Joana o que é aquilo?”. Ela dizia: “é rio de Jordão, é o rio do céu”, na linguagem dela. Então a transfluência é isso, a transfluência é um movimento pelo cosmo como as águas vão, como a água que evapora no São Francisco e chove no Nilo, evapora no Nilo e chove aqui, transflui o oceano.

Aí lá no livro eu estou dizendo que confluímos desde a constituição federal, mas temos que transfluir a constituição para confluirmos nos nossos territórios, que é o que estamos fazendo agora. Isso que você falou também é transfluência; a diferença é que, por exemplo, cosmofobia eu não coloco adjetivo, eu falo cosmofobia, ponto. Porque nós pensamos isso do segmentado para o integrado. Eu preciso estar bem para que a comunidade esteja bem, mas se eu estiver mal a comunidade não consegue estar bem. É assim que a gente funciona. A sociedade colonialista é diferente, a sociedade precisa estar bem para as pessoas estarem bem. Como a sociedade nunca está bem, as pessoas nunca estão bem. Então é esse movimento.

Eu acho, Marcio, que a afluência é uma coisa interessante, mas tem a influência. O que eu estou dizendo hoje, na oralidade, não está escrito; o que estou dizendo é que nós transfluímos para confluir, ou seja, nós transfluímos de África para confluir com os povos originários aqui. E conseguimos confluir nos comunicando pela língua cósmica, olhando os astros, olhando as árvores, olhando os animais, sentindo o vento. Nós conseguimos nos entender com línguas orais diferentes, mas com línguas gerais, com línguas cosmológicas, nós nos entendemos muito bem. Os colonialistas não puderam fazer isso porque eles não podem falar essa linguagem, essa língua cosmológica, eles só podem falar essa língua sintética que eles criaram. E aí, para a gente compartilhar com outras pessoas, é dizer que os colonialistas se transportam para influir.

Nós transfluímos para confluir. Eles se transportam para influir. Ou seja, quando eles chegam no nosso território eles tentam influenciar e nós não. Quando chegamos nos outros territórios nós tentamos inspirar. Então é muito diferente, a gente vai para a transfluência, chega na confluência e inspira, compartilha. E eles não, eles atacam com a influência, praticam a influência. É meio complexo, mas o bom é que cada um vá navegando. Eu sempre digo que a melhor maneira de compreender a transfluência e a confluência é seguir o fluxo das águas, seguir as águas.

Tenho que pensar mais no que Antonio Bispo está dizendo, mas acho que estou entendendo nossas primeiras conversas. Na primeira edição do livro dele, ele dizia que a confluência é o princípio do famoso, “nem tudo que se ajunta se mistura”, enquanto a transfluência seria o oposto disso. Agora, se estou entendendo bem, ele está chamando esse oposto de influência e está guardando o par ‘confluência e transfluência’ para essas práticas contracolonizadoras, cosmológicas, não cosmofóbicas. Acho que fecha muito bem! Eu só sublinharia um ponto, essa expressão usada quando ele definiu pela primeira vez a ideia da confluência: “nem tudo que se ajunta se mistura”. Como é que isso poderia se conectar, confluir, transfluir, com os herdeiros da tradição histórica colonialista, para quem é tão difícil pensar como é que as coisas podem se juntar sem desaparecer. Quer dizer, sem que uma destrua a outra, ou sem que elas se fundam e virem uma coisa só. São duas formas de desaparecer. Ou seja, como as coisas podem se relacionar na sua diferença mesmo.

Eu acho que essas duas noções de Antonio Bispo — confluência, transfluência — significam que quilombolas, indígenas e outros nem sonham em misturar as coisas a fim de que tudo se torne a mesma coisa. É um sonho ou pesadelo absurdo de seu ponto de vista. O que não quer dizer uma impossibilidade para os encontros, mas, bem ao contrário, uma condição para encontros capazes de dar frutos, de produzir coisas. O oposto desse tipo de encontro em que, na mitologia ocidental, as coisas se encontram para se fundir e ficarem todas iguais, homogêneas. Assim, se de um lado, a prática antropológica de tentar entender coisas diferentes me ajudou a compreender melhor o que Antonio Bispo diz, é claro que o que ele diz também me ajuda a entender não apenas essas coisas como também a própria antropologia, em uma espécie de via de mão dupla. Prática ou encontro que é preciso aprender a cultivar porque nós não cultivamos essas coisas, nós, como disse Antonio Bispo, achamos que é um transporte unidirecional.

Antonio Bispo dos Santos

Olha como as coisas acontecem. Eu gosto muito da oralidade porque a oralidade é pura energia. A escrita, ela deixa a gente numa situação delicada. Você dá conta de escrever aquela coisa naquele momento, mas e se você não encontrar com uma pessoa

que leu, igual eu encontrei com o Marcio, como é que fica a situação? Porque o que eu achei maravilhoso, quando dizemos que “nem tudo que se ajunta se mistura”, é a grande questão. Quando dois rios se encontram, nenhum deixa de ser o rio que é porque confluíu com outro, da confluência até a nascente cada um é um rio diferente. De onde eles confluíram até onde eles vão, eles vão juntos. Isso é fantástico. Mas pode ser que lá na frente, eles também criem outros ramais. Uma das imagens mais belas que nós temos é, por exemplo, o Delta do Parnaíba, já que estou aqui nesse estado colonialista chamado Piauí. Então o rio Parnaíba tem confluências fantásticas, por exemplo, o rio Preto quando ele conflui com o Parnaíba — e eu estou falando do rio Uruçuí-Preto porque é um rio lindo e maravilhoso, que tem quatrocentos quilômetros de extensão e nenhuma cidade na margem. É um rio sem esgoto. É um rio que não teria pandemia nesse momento se não fosse o agronegócio. Só que o agronegócio jogou veneno nesse rio pelo ar. Então tem a pandemia.

Volto um pouco a falar da pandemia porque eu gosto sempre de dizer, de chamar atenção, dessas pessoas, eurocristã-colonialistas, para dizer o seguinte: cada vez que vocês jogam veneno na agricultura, na terra, vocês estão criando pandemia no cosmo porque esse veneno vai para as águas, esse veneno vai para os astros e os outros seres, os outros viventes não sabem inventar vacina contra veneno. Nem vocês sabem, ninguém sabe inventar vacina contra veneno. Então, quando vocês estão jogando veneno, vocês estão causando pandemias nas outras vidas, quando vocês estão jogando esgoto nos rios, vocês estão causando pandemia no cosmo. Porque aquele esgoto vai para o rio, mas ele evapora, vai para os astros. Os animais bebem daquela água; quando vocês estão jogando resíduos gasosos no ar, nos astros, eles voltam pela chuva. Quer dizer que vocês procuram várias pandemias em várias vidas. Aí agora não estão gostando do corona? E se eu dissesse que o corona é uma reação dos elementos da natureza, dos outros reinos? Sabe por que? Porque mãe Joana dizia, “a terra dá, a terra quer”. Então, vocês extraíram demais da terra, extraíram não, expropriaram demais da terra. Extrair pode, expropriar não. Vocês expropriaram demais. A terra está pegando de volta, e de volta ela pode querer um de vocês. Porque se ela quiser um de vocês, ela não quer para jogar para a ancestralidade, ela quer para alimentar as outras vidas que vocês atacaram. Diferente de se ela me quiser, de quando ela me quiser, até porque ela me quer. Talvez ela nem queira vocês, mas ela me quer, aí ela me quer para alimentar as outras vidas. Talvez ela não queira vocês porque vocês não alimentam as outras vidas. Estão vendo? Falou, dá tempo de reeditar, escrevendo é mais complicado.

Mas é dizer isso. É dizer que a biointeração era para contrariar o desenvolvimento sustentável, mas hoje eu estou contrariando o desenvolvimento sem adjetivo. Então para contrariar o desenvolvimento, nós temos o envolvimento. Hoje me permitam aqui fazer um compartilhamento, para nossa roça de quilombo. Hoje é um grande dia, viu Marcio? Você está inaugurando o lançamento de uma coisa que nós estamos chamando de compartilhamento premiado em prol do envolvimento do propósito Roça de Quilombo. O que é o envolvimento do propósito da Roça de Quilombo? É uma reedição do livro agora na roça. Lá no livro tem a roça de todo mundo. Então nós vamos reeditar a roça de todo mundo. Ou seja, daqui para frente vocês vão me encontrar mais nas *lives*. Porque eu aprendi agora que a videoconferência é usar o sintético, que é a arma do colonialista, como defesa. Então a gente pode se comunicar pela videoconferência e, ao invés de eu ir até vocês, vocês vão me visitar. Então a roça de quilombo é um espaço onde nós vamos ter visitas de envolvimento. A primeira grande visita de envolvimento vai ser na lua cheia de julho de 2021, então já vão anotando aí: lua cheia de julho de 2021. Daqui para lá, já é possível fazer esses encontros. Esse primeiro grande encontro vai com as mestras e os mestres de defesa. Nós vamos sair do distanciamento social com um grande encontro das mestras e dos mestres de defesa para reeditar os nossos modos e tocar o que tiver que tocar daqui para frente. Então, para esse compartilhamento nós íamos fazer uma rifa, nós íamos rifar o primeiro “Quilombos, modos e significados”, e a segunda edição “Colonização, quilombos, modos e significações”. Só que ao invés de fazer uma rifa, nós estamos com o compartilhamento premiado que é para contrariar esse nome de rifa. Aí esse compartilhamento é em prol de um envolvimento, para contrariar o desenvolvimento de um propósito, para contrariar o projeto, e roça de quilombo para contrariar o agronegócio. Está circulando no Instagram, nós lançamos hoje, quem quiser compartilhar, o cosmo vai agradecer e vai agradecer da maneira que mãe Joana me ensinou “a vasilha de dar é a mesma de receber”. Então quanto mais você compartilha, mais o compartilhamento retorna para você.

Hoje a biointeração na verdade, ela está sendo muito discutida, mas o que está sendo mais discutido, por incrível que pareça, é a confluência. Um mestre de farinha no Pará me ensinou uma coisa, e olha só que maravilha, o que é confluência entre nós. Eu falei da confluência, ele disse: “olha Bispo, depois que você fez essa fala eu entendi que a confluência é uma coisa muito ampla. Por exemplo, antes de vir para cá eu confluí com os porcos”. Eu perguntei como. Ele disse: “eu fui no pé de manga, tirei as mangas

que eu achava que eram boas para mim e juntei para levar para casa. E as mangas que eu achava que não eram boas para mim eu derrubei para os porcos, que estavam lá debaixo e não podiam subir, então eu derrubei para eles. Quer dizer que eu e os porcos confluímos comendo manga. Ou seja, eu e os porcos temos um órgão em comum, então nós somos tipo quase parentes”. Eu achei linda essa explicação dele sobre a confluência. Então a confluência hoje ganhou uma força tão grande que é uma das questões mais discutidas do nosso debate. Nós temos grupos de confluência de *Whatsapp* de tudo que é lugar.

Outra coisa que ganhou muita força também foi o afropindorâmico. Só que o afropindorâmico é muito interessante, mas hoje eu estou trazendo o afroquilombola. Por que eu estou trazendo o afroquilombola? Para não trazer o afrobrasileiro. Para contrariar o afrobrasileiro. Porque antes de ser brasileiro eu sou quilombola. Então eu sou afroquilombola por natureza e eu sou afrobrasileiro por conveniência. Quando me convém eu sou afrobrasileiro, agora por natureza, por cosmologia, eu sou afroquilombola. É isso.

Transcrição: Jade Alcantara Lobo

Revisão: Helena Santos Assunção

Recebido em: 04/08/2024

Aceito em: 05/08/2024